

CAMPOS, Ricardo; DIÓGENES, Glória.  
“Apresentação - Dossiê: Cidade, imagem e emoções”. *RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 19, n. 55, pp. 13-18, abril de 2020 ISSN 1676-8965

**DOSSIÊ**

<http://www.cchla.ufpb.br/rbse/>

## Apresentação – Dossiê: Cidade, imagem e emoções

Ricardo Campos  
Glória Diógenes

A cidade é um dos objectos mais fascinantes, debatidos, analisados e diagnosticados por parte das ciências sociais. Tal não é de estranhar, na medida em que as cidades actualmente albergam um número crescente de população, sendo que se confunde frequentemente a nossa condição contemporânea, enquanto civilização, com a nossa condição urbana. Aquilo que fica para lá das fronteiras da cidade corresponde, cada vez mais, a um mundo tido por exótico, nostálgico, parado no tempo. O mundo rural constitui um universo ancestral, um repositório do passado. Como tal, desperta determinados sentimentos e estados emocionais, sendo frequentemente um bálsamo para a vida cidadina, marcada pela velocidade e o excesso.

A relevância da cidade para a narrativa do mundo contemporâneo e da nossa identidade colectiva é extremamente poderosa. A cultura contemporânea é fortemente fundada sobre pressupostos, desejos e estados que estão vinculados à urbe. Os políticos que conhecemos, os actores e músicos que admiramos, os realizadores de televisão e cinema, os intelectuais e artistas que ouvimos falar, vivem na sua esmagadora maioria em cidades.

A cidade corresponde a este universo densamente povoado não apenas por pessoas, mas por um vasto e heteróclito conjunto de artefactos culturais. Falamos de bens tecnológicos, culturais e simbólicos com distintos significados, que despertam diferentes formas de entender, sentir e viver a cidade. É na cidade que estão os principais monumentos e edifícios emblemáticos. É lá que encontramos os museus, galerias de arte ou estádios de futebol que fomos ouvindo falar.

A cidade é uma constante fonte de imagens e imaginários que espelham aquilo que somos e que almejamos. Que imagens são essas? São as imagens que despontam nos diferentes ecrãs e que nos permitem viajar a cidades como Nova Iorque, Londres, Paris ou Tóquio, através do cinema ou da televisão. Mas são essas cidades que também são reinventadas através de aplicações como o *google street view* ou o *instagram* que nos permitem outras viagens através de roteiros digitais. Na contemporaneidade não precisamos mais do cinema e da televisão para fabricar imagens da cidade. Através das tecnologias que se tornaram familiares (smartphone, câmaras de vídeo) construímos de forma amadora um acervo imenso onde se reproduz disponibiliza a nossa vida a um vasto público. Deste modo, as nossas

narrativas pessoais na cidade estão registradas visualmente, contribuem para um património imagético em expansão acelerada e contínua. A cultura visual contemporânea está, então, fortemente impregnada de cidade (CAMPOS, 2013, 2014; CAMPOS, BRIGHENTI E SPINELLI, 2011)

Mas a cidade não existe só representada nos ecrãs, esta também é o palco que pisamos. É um território, um mundo palpável repleto de odores, sons, movimentos, cores, objectos e pessoas. Os *imaginários urbanos* (SILVA, 2001) compõem a nossa experiência subjectiva da cidade, reflectem uma cartografia cognitiva e sentimental singular. A experiência e a subjectividade são construídas através dos sentidos, da forma como percebemos, entendemos e nos movemos na cidade. Podemos falar, então, de um mapa emocional e sensível que mobiliza em grande medida a forma como nos movemos e classificamos os variados espaços urbanos. Há, por isso, um lado fortemente sinestésico, emocional, na nossa relação com a cidade e com aquilo que a povoa.

Como pensar então a cidade a partir das imagens e das emoções? Sabemos que a imagem, conceito polissémico e difuso (MITCHELL, 1986), tem uma relação privilegiada com as nossas emoções. As representações visuais despertam-nos estados emocionais e têm sido utilizadas com esse propósito ao longo da história. Elas podem inspirar terror, curiosidade, prazer, nostalgia, tristeza, numa paleta muito alargada de tonalidades. Por outro lado, numa civilização que tem sido definida como ocularcêntrica (JENKS, 1995; SYNNOTT, 1993) ou visualista (CAMPOS, 2012, 2013), em que, como sustenta Mirzoeff (1999:1) “a experiência humana é actualmente mais visual e visualizada do que alguma vez antes”, podemos certamente afirmar que os nossos estados emocionais estão fortemente dependentes das imagens que consumimos.

A nossa experiência da cidade é, assim, em grande medida visual. Olhar a cidade produz múltiplos efeitos. Mas olhar imagens da cidade ou produzir imagens sobre a cidade também. As imagens criam e recriam, como pergaminhos que abrigam vestígios de narrativas anteriores, palimpsestos de cidades que se multiplicam nas linhas que a situam e a demarcam.

Mas não produzimos apenas imagens com e através de tecnologias digitais sofisticadas. Fabricamos a cidade a partir do momento em que a adornamos e intervimos na sua superfície interferindo num determinado campo de visibilidade (BRIGHENTI, 2007; CAMPOS, 2014). A cidade *age* no movimento dos corpos que nela cria outras imagens e reconstrói continuamente suas paisagens. Nas paredes, nos cartazes, nos muros, nos ecrãs, nas vitrines, encontramos múltiplas formas de comunicar que recorrem a linguagens visuais diversas, procurando alcançar um público alargado. Falamos de imagens institucionais, de imagens transgressivas, de imagens informativas, de imagens artísticas, de imagens rebeldes, etc. As sensações e as emoções estão envolvidas na forma como nos relacionamos com elas. Podemos entender esta articulação em dois sentidos. Em primeiro lugar, nas práticas sensíveis e emocionais associadas às diferentes formas de criar imagens *na* e *sobre* a cidade. Pintar graffiti, fazer um vídeo, tirar uma *selfie*, entre outras tantas situações, implica um determinado estado sensorial, cognitivo e emocional. Em segundo lugar, o sensível se dispõe na forma como olhamos as imagens que nos são oferecidas. O espanto perante um mural, a aversão perante uma imagem violenta, o desejo suscitado pela publicidade. Esta duplicidade faz parte da forma como vivemos a cidade contemporânea.

Assim sendo, a cidade produz narrativas e compõe inscrições comunicacionais de tessituras diversas, sendo seus habitantes, também, sujeitos de fala, de potência

comunicacional. Parte dessa potência comunicacional advém daquilo que Appadurai (1996) denominou de mundos imaginados, já que mesmo atuando por meio de linguagens, de imagens ela não necessariamente tece um tipo de comunicação convencional nos moldes de emissor-receptor. Essas imagens, colagens, palavras, estêncis, pixos, ativam emoções, sensações, “partilhas do sensível” (RANCIERE, 2009). Por vezes modulam experiências, repartes de ideias, promovem um agir urbano afora o que ocorre em suas redes de serviços, em seus fluxos diários, nos movimentos que se travam no âmbito das relações de trabalho e no mundo dos negócios.

De forma não intencional, as intervenções dos artistas de rua na cidade expressam o potencial de agência (INGOLD, 2012) desses sujeitos, formas de experimentação no urbano e do urbano, transfigurando imagens da cidade. Produzem uma “espécie de zoning mapping cognitivo, que explora a fragmentação urbana como puzzle imaginário” (LA ROCCA, 2011, p. 63), evidenciando a própria agência da cidade e suas contínuas metamorfoses. Cidade, arte, e emoção operam em linhas atravessadas e matizadas por experiências da imaginação. Por tal razão, observa-se cada vez mais uma diluição de fronteiras entre “obras do trabalho” de artistas de rua, que assumem uma estrutura concreta e material nos espaços urbanos e “obras da imaginação” (DIÓGENES, 2019), ou melhor, obras imateriais da emoção<sup>1</sup>.

Este dossiê surgiu do interesse em debater estas questões a partir do viés das ciências sociais. Recebemos diversas contribuições que nos auxiliam nessa tarefa, apresentando diferentes testemunhos de pesquisas centradas no meio urbano e pensando as imagens e as emoções de diferentes perspectivas. Este dossiê é, assim, composto de seis contribuições que passamos a descrever sucintamente.

Iniciamos com um artigo de Fabrício Barreto, intitulado “Inscrições urbanas e as rupturas na experiência cidadina”, que nos convida a um périplo pela cidade de Pelotas. Por meio da observação participante e da etnografia de rua, o autor se propõe a organizar uma reflexão acerca do processo de transformação da paisagem urbana impulsionada pelo graffiti. Esclarece o autor que “longe de tentar estabelecer a necessidade de certas ilegalidades sociais, este artigo segue o propósito de refletir sobre uma forma de expressão que se globalizou. Tal qual ressalta o autor, não como forma de urdir afirmações conclusivas sobre o tema, mas no intuito de compreender o potencial da inscrição do graffiti na paisagem urbana”. O autor percorre assim intervenções de um grafiteiro em Pelotas que, com um traço simples e bem característico, produz o que Fabrício Barreto denominou de “carinhas”. Conclui o autor que os registros de “carinhas” irão compor o acervo da memória de tempos outros, em que o interesse por inscrições fortuitas nas fachadas das antigas moradias operárias, formata uma coleção de fotografias que retratam a paisagem de uma época.

O artigo de Alice Dote e Glória Diógenes, “Caminhando com imagens: lampejos e rastros de escritas urbanas”, registra a partilha de uma experiência de campo através das imagens encontradas e criadas no caminhar no Centro de Fortaleza/CE. As autoras apontam que o encontro com escritas urbanas (frases e

---

<sup>1</sup>Acerca do que aqui estamos denominando de “obras imateriais da emoção”, Silva e Diógenes (2019), no artigo intitulado “A cidade é sem fim igual a tua janela”: intervenções, afetos urbanos e deambulações em Fortaleza/Ce”, caminham percorrendo registros de palavras que falam de sentimentos. Palavras como “deixo”, “alento”, “desejo” e outros registros que percorrem paredes e muros “sem explicação”. Soltas e, aparentemente, sem classificação na cena das artes de rua, as palavras mobilizaram as pesquisadoras a reparar a “pele” da cidade, ou seja, aquilo aporta e emana emoções e sensações.

palavras em forma de pixação, estêncil, lambe-lambe) que povoam as superfícies da cidade ensejam um tipo emblemático de visualidade que procede por sensações, mobilizando múltiplas combinatórias. Evidenciam as autoras que o corpo, - seus movimentos, percepções e fricções com o espaço, - assume um lugar fundamental na observação e narração efetuadas por meio de caminhadas. Destacam Lara e Glória que corpo e cidade, no viandar, por vezes se misturam, se estreitam e se confundem. Por fim, assinalam as autoras que a percepção partilhada na descoberta das escritas urbanas, em paredes e outras superfícies das ruas, as levou a experimentar um sentimento de coparticipação, de coautoria das imagens que pontilharam o processo etnográfico.

A produção textual de Camila Holanda destaca ser a rua um palco de performances de culturas juvenis, assim como um lugar de encontros e de afetos. Percorre a pesquisadora assim as palmilhas de engates amorosos, de desejos e partilhas deixados e vivido sem lugares da cidade por jovens moradores de rua. Observa a autora que esses enlevos, os discursos amorosos que emergem das intimidades e proximidades, e que se dão em pleno espaço público, também, espelham mapas de trajetórias de vida e desenham versões outras de uma mesma cidade. Conclui a autora que a circulação, os rastros e afetos deixados pela cidade, possibilitam a construção de significados às trajetórias de vida dos jovens, assim como de seus imaginários urbanos. Eles circulam seus corpos em percursos não estabelecidos por trajetos com começo, meio e fim, mas sim por meio da experiência que o próprio ato de movimentar-se desencadeia.

Natália Perez Torres traz aqui uma emblemática discussão denominada “Vestigios del presente: arte urbano, ruina y patrimonio en Valparaíso”. Por meio de uma breve apresentação sobre o caso de Valparaíso, no Chile, cidade que, pelas suas condições intrínsecas (econômicas, sociais, políticas e geográficas) constitui um tipo de vestígio do presente, a autora pretende analisar a relação entre arte urbana e patrimônio a partir do conceito de ruína e sua articulação com o campo do sensível. Natália reflete sobre algumas das decorrências políticas, estéticas e simbólicas que modulam a cidade contemporânea. Distingue em suas linhas conclusivas, que o sensível está fixado na relação memória-emoção e está relacionado com o desenvolvimento de estratégias de conhecimento próprias de quem discute o relato oficial do passado.

A contribuição seguinte é da autoria de Fabiano Araújo. Intitulado “Uma sombra urbana de melancolia à esquerda: as ruínas, a estética do luto pela cidade e as artes visuais no Recife contemporâneo”, este artigo faz uma reflexão em torno do trabalho de três artistas visuais: Bruna Rafaella Ferrer, Jonathas de Andrade e Bruno Faria. Em comum estes três artistas compartilham uma prática e atitude que promove o direito à cidade, centrando o seu trabalho em edificações modernistas presentes na cidade de Recife, privadas ou públicas, não tombadas como patrimônio pelo poder público. O grau de abandono e de desleixo com que são tratados estes edifícios gera uma acção por parte destes artistas em busca de promover o reconhecimento afetivo e não-oficial destes lugares de memória local. O autor apresenta-nos, então, as propostas artísticas desenvolvidas por cada um dos artistas para criar novas centralidades afectivas na cidade, seja numa residência em ruínas (Jonathas de Andrade), seja num cinema extinto (Bruno Faria) ou num edifício que abrigou um cinema e o entorno do centro comercial (Bruna Rafaella).

Fechamos este dossiê com uma contribuição pertinente e actual para debater a participação política e cívica no mundo contemporâneo. O artigo “MÍDIA NINJA: Engajamento, emoção e vínculo na arena da Comunicação”, da autoria de Samária

Andrade e Fábio Pereira, faz um retrato vivido deste fenómeno, que foi adquirindo crescente visibilidade na esfera pública na última década. A mídia Ninja insere-se numa vaga crescente de activismo e de participação cívica cidadã que recorre às tecnologias e canais de comunicação digitais para se manifestar na esfera pública, contrariando as agendas e narrativas hegemónicas. A Mídia NINJA ganhou particular visibilidade em Junho de 2013, período marcado por grandes mobilizações e protestos de rua no Brasil. Os autores partilham a sua experiência de pesquisa etnográfica que revela grande proximidade com aqueles que participam desta comunidade de jornalistas engajados, voluntários e amadores. O relato permite-nos conhecer mais de perto as casas coletivas onde vivem estes jornalistas bem como a sua experiência em comunidade.

### Referências

- APPADURAI, A. **Dimensões culturais da globalização**. Lisboa: Editorial Teorema, 1996.
- BRIGHENTI, A. “Visibility: a category for the social sciences”, **Current Sociology**, v. 55, n. 3, pp. 323-342, 2007.
- CAMPOS, R. Cultura Visual e o olhar antropológico, **Visualidades**, v. 10, n. 1, pp. 17-37, 2012.
- CAMPOS, R. **Introdução à cultura visual**. Abordagens e metodologias em ciências sociais. Lisboa: Mundos Sociais, 2013
- CAMPOS, R. Towards a dualistic approach of the urban visual culture: between the sacred and the profane, (pp 3-20). In: SARMENTO, Clara; CAMPOS, Ricardo (eds.), **Popular and visual culture**. Design, circulation and consumption. Newcastle-upon-Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2014.
- CAMPOS, R; BRIGHENTI, A.; SPINELLI, L. (orgs.) **Uma cidade de Imagens**. Produção e consumo visual em meio urbano, Lisboa: Mundos Sociais, 2011
- DIÓGENES, Glória. Conexões entre artes de rua, criatividade e profissões: circuitos e criações de Tamara Alves, **Horizontes antropológicos**, a. 25, n. 55, pp 154-177, 2019.
- INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**, v.18, n.37, pp. 25-44, 2012.
- JENKS, C. The centrality of the eye in western culture: an introduction, (pp. 1-25). In: JENKS, C. (org.), **Visual Culture**. London and New York, Routledge, 1995
- LA ROCCA, F. A cidade visual: A presença das imagens no espaço urbano, (pp. 51-66). In: CAMPOS, Ricardo; SPINELLI, Luciano; BRIGHENTI, Andrea (orgs.). **Uma cidade de Imagens**. Lisboa: Mundos Sociais, 2011.
- MIRZOEFF, N. **An introduction to visual culture**. London & New York, Routledge, 1999
- MITCHELL, W.J.T. **Iconology**, Chicago, University of Chicago Press, 1986
- RANCIÈRE, J. **A partilha do sensível**. São Paulo: Ed 34, 2009.
- SILVA, A. **Imaginários urbanos**, São Paulo, Editora Perspectiva, 2001

SILVA, L.; DIÓGENES, G. 'A cidade é sem fim igual a tua janela': intervenções, afetos urbanos e deambulações em Fortaleza/Ce. In: **Tessituras** - revista de antropologia e arqueologia, v. 7, N. 2, pp 88-107, 2019.

SYNNOTT, A. The eye and I: a sociology of sight. **International journal of politics, culture and society**, v. 5, n. 4, pp.617-636, 1992.